

Os caboclos nas religiões afro-brasileiras: hibridação e permanência

Caboclos in Afro-Brazilian religions: Hybridization and permanence

Lourival Andrade Júnior¹

RESUMO: Uma das entidades mais conhecidas nas religiões afro-brasileiras é o caboclo, muitas vezes chamado de caboclo de pena. Em muitos terreiros é a entidade espiritual responsável por conduzir o ritual e a liturgia. Muito ligados aos elementos naturais (estrela, água, luz, raios, entre outros) e a utensílios comumente utilizados pelos povos indígenas brasileiros primitivos (arco e flecha, bodoque, machado) estes caboclos, assim, demonstram seu campo de atuação e sua ancestralidade. Todos estes elementos estão presentes em seus Pontos Cantados e Riscados, que são fundamentais para entendermos suas habilidades no campo mágico-religioso. Outra marca bastante perceptível é que estes caboclos cada vez mais estão sendo associados ao cristianismo católico, por meio de seus pontos e cantos que estão presentes nas práticas desenvolvidas nos espaços sagrados em que atuam.

PALAVRAS-CHAVE: Caboclo. Religiões Afro-Brasileiras. Pontos cantados. Pontos Riscados

ABSTRACT: One of the best known entities in Afro-Brazilian religions is the Caboclo, sometimes also called *caboclo de pena* (feathered Caboclo). In many *terreiros* it is the spiritual entity in charge of conducting the rites and liturgy. Being close related to natural elements (stars, water, light, lightning bolts, among others) as well as to common apparatus used in every-day life by primitive Brazilian Indian ethnicities (bows and arrows, slings, axes) such Caboclos, therewith, show their action field and their ancestry. All of these elements are present in their evocation songs (*Pontos Cantados*) as well as their representing glyphs (*Pontos Riscados*), which are fundamental for the understanding of their abilities in the magical-religious field. Another really noticeable aspect is the fact that such Caboclos are more and more often being associated to Catholic Christianity through their songs and glyphs, which are present in the practices taking place in the sacred spaces in which they act.

KEYWORDS: Caboclo. Afro-Brazilian religions. Pontos Cantados. Pontos Riscados.

A História oficial da Umbanda se confunde com a incorporação do Caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio Fernandino de Moraes no dia 15 de novembro de 1908 em Niterói no estado do Rio de Janeiro. No dia seguinte o mesmo caboclo voltou a incorporar em Zélio, nascendo assim oficialmente a Umbanda.

A entidade “caboclo” na Umbanda possui características bastante específicas e que a diferenciam das demais entidades do panteão umbandista, mas não podemos esquecer que o/a caboclo (a) também está presente em outras religiões afro-brasileiras como a Jurema, Almas e Angola e o Candomblé de Caboclo, entre outras.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. lourivalandradejr@yahoo.com.br.

Quando se nomina a Umbanda como uma religião brasileira, o caboclo aparece como um espírito que demarca bem este território. Este caboclo por vezes é apresentado em seu estado selvagem, mas em outros como o índio civilizado que tem a função de ajudar os consulentes que se dirigem aos terreiros em que atua.

As entidades de Umbanda são identificadas não somente por sua nomeação, mas porque cada uma delas possuem suas marcas e que são chamadas de Pontos Cantados e Pontos riscados.

Os pontos riscados podem ser entendidos como um conjunto de símbolos dentro de um círculo (este representa o universo que congrega e organiza todos os elementos humanos) e tem a função primeira de mostrar a marca da entidade espiritual e suas características. A forma como são dispostos estes elementos dentro do círculo pode ser variada, e neste sentido a leitura sobre o mesmo deve ser realizada de forma a buscar a compreensão individual dos símbolos que por sua vez definirão a personalidade e as possíveis vibrações do espírito no espaço sagrado e ritualístico em que desenvolve seu trabalho. É como se fosse sua assinatura. Nestes pontos encontramos elementos que informam se a entidade é um caboclo, preto-velho, exu, pomba-gira, entre outras.

Também os pontos riscados são utilizados pelas entidades em momentos específicos dos cultos e eles não estão presentes a todo momento, por se tratarem de símbolos mágicos. Vale salientar que os pontos são riscados com um objeto sagrado para a Umbanda, a pomba, confeccionada de giz e em várias cores. Acredita-se em seu poder de magia e também não é exposta e utilizada de maneira indevida. Segundo O'Connell & Airey, “as tradições religiosas e espirituais utilizaram o simbolismo para auxiliar na jornada do entendimento e experiência do divino em direção à ‘vida correta’” (O'CONNELL & AIREY, 2010, 6). Esta afirmação se aplica de forma integral aos pontos riscados na Umbanda, entendendo-os como formas de compreender o espiritual e saber lidar com suas nuances quando presentes por meio de seus médiuns no mundo terreno.

Já os pontos cantados são utilizados para convocar as entidades para a gira (para os trabalhos mediúnicos) e são carregados de informações importantes sobre aquele que se

refere. São cantos sagrados e não podem ser utilizados de forma aleatória. Segundo Almeida, para que o ponto (cântico) seja empregado nos rituais de possessão,

Há a necessidade dela [a música] ser executada de forma a transmitir uma ‘mensagem’ entre o emissor (no caso o ogã) e o receptor (o médium). Assim, a música se torna um código para-musical, isto é, transmite informações além do próprio ritmo e altura.” (ALMEIDA, 2013, 66-67)

São estas “mensagens” que vão definir as características, as potencialidades, as vibrações, as marcas identitárias e, em muitos casos, o nome da entidade. Por estes pontos cantados podemos demarcar até mesmo o espaço em que a entidade (no nosso caso o caboclo) viveu antes de desencarnar e onde atua na contemporaneidade como entidade mediúnica.

Sobre estes pontos cantados, Diamantino Fernandes Trindade afirma que

Existem duas categorias de pontos cantados de Umbanda. Os pontos de raiz são aqueles trazidos diretamente pelas entidades incorporadas ou por meio da intuição dos médiuns. Temos ainda os pontos criados pelos compositores de Umbanda, muito comuns nos festivais de curimbas. Assim também foi composto o Hino da Umbanda” (TRINDADE, 2011, 85)

Nos dois casos, pontos riscados e cantados, são marcas sagradas nos rituais de Umbanda.

Vale ressaltar que analisamos trezentos e onze pontos cantados e trezentos e noventa e seis pontos riscados de caboclos que estão disponíveis em livros, principalmente na publicação “3.000 pontos riscados e cantados na Umbanda e no Candomblé” e nos terreiros que desenvolvemos trabalho de pesquisa na região do Seridó Potiguar (Ilê Axé Nagô Oxaguian, entre outros que não possuem identificação formal) e em Itajaí/SC (Centro Espírita de Umbanda Caboclo Junco Verde). São estes pontos que servirão de base para nossas análises.

O antropólogo Ismael Pordeus Júnior nos mostra que o caboclo introduzido no culto umbandista nordestino passou a ser o índio que teve “reconhecida sua identidade perdida, no teatro da possessão, essa identidade é reafirmada pela recodificação do trabalho, repensada a

partir de outra lógica corporificada em personagens míticos e religiosos.” (PORDEUS JR, 2011, 28).

Da mesma forma entendemos que as manifestações de caboclos, para os frequentadores dos terreiros, estão sim relacionadas a uma ancestralidade local, ou seja, os caboclos representariam a nova forma de nos relacionarmos com os indígenas que no Brasil viveram antes da chegada dos europeus.

Nesta caminhada dos caboclos nos terreiros brasileiros, opõe-se posições de como ele se apresenta e qual sua origem antes da possessão. Há uma defesa de que se trata do caboclo civilizado como podemos observar na análise de Vagner Gonçalves da Silva em que afirma que o indígena, neste caso o caboclo, é o mesmo que foi

enaltecido na literatura romântica e popularizado na pajelança, no catimbó e no candomblé de caboclo. Porém, apresentam-se na Umbanda como espíritos civilizados, doutrinados ou batizados, como dizem os umbandistas. Quando incorporados, apresentam-se como “católicos”, e frequentemente abrem seus trabalhos espirituais com orações do tipo pai-nosso e ave-maria. (SILVA, 2005, 121)

Já Lísias Nogueira Negrão detalha os caboclos como não civilizados, pois são anteriores a chegada dos europeus. Segundo Negrão, os caboclos “são espíritos de índios. Não de seus descendentes mestiços, mas dos próprios, ‘que já morreram há muito tempo’, ‘da mata virgem’. Portanto, anteriores à colonização ou seus contemporâneos.” (NEGRÃO, 1996, 204-205). Da mesma forma observamos no artigo de Francelino de Shapanan que o “índio é o caboclo da mata bruta, selvagem, da mata fechada. Veste pena, usa cocar, penacho, rodilha e folhas (homens) e de flores (mulheres)”. (SHAPANAN, 2004, 325).

Nos pontos cantados estão identificados de forma marcante a relação deste índio/caboclo que ainda vive com seu cocar: “Seu cocar é de pena branca/Ela é quem segura a gira/Saravá sua linda banda/Saravá a Cabocla Jandira”; que utiliza instrumentos primitivos de caça: “Estrela, sol e lua/Que clareia o Juremá/Oi que valha-me todos os Caboclos,/De flecha e bodoque,/Oi que valha Iara”; e que vive com valentia na mata virgem: “Que penacho é aquele/è uma penacho de arara/Quando rompe a mata virgem/É caboclo Ubirajara”. Mesmos diante

de muitas adaptações dos caboclos ao mundo contemporâneo, as referências aos objetos e utensílios que demarcam o indígena idealizado estão presentes na grande maioria dos pontos individuais e coletivos.

Independente de sua origem sabemos que atualmente os caboclos se apresentam de diversas formas e não apenas como o indígena ancestral. Como foi identificado por Ademir Barbosa Junior, os conhecidos caboclos de pena, vão dando lugar a outras falanges que também se identificam como caboclos, sendo elas: “caçadores, feiticeiros, justiceiros, agricultores, rezadores, parteiras e outras, sempre a serviço da luz” (BARBOSA JUNIOR, 2011, 78).

Nesta mesma direção, encontramos na Revista Espírita de Umbanda uma matéria sobre a 4ª Festa dos Caboclos e Encantados de Diadema que explica que os caboclos se apresentam de diversas formas: “Boiadeiros, Marinheiros, índios nativos, marujos, mestres, baianos, turcos, encantados e antigos guerreiros que povoavam o território brasileiro”. (Revista Espírita de Umbanda, 2013, 18). A linha de Boiadeiros é bastante presente na Umbanda e também de forma marcante na Jurema Sagrada, como podemos identificar no seguinte ponto cantado: “Na Jurema tem linda flor/Na cachoeira brotou linda roseira/na mata virgem, Seu Boiadeiro, ô Juremá/ Com seu laço ele pega boi/Ele ganga boi/Ele quebra madeira”.

Identificamos muito fortemente a linha de boiadeiros no sertão nordestino, muito identificados com os vaqueiros da região da caatinga. Esta característica regional demonstra que as religiões afro-brasileiras, e em especial a Jurema Sagrada tem a capacidade de incorporação de novos personagens em seus rituais respeitando a cultura local e sua diversidade. Parece mais compreensível a presença deste boiadeiro em uma região semiárida do que o caboclo de pena tradicional das florestas da Mata Atlântica e Amazônica. Estas adaptações são mais do que permitidas em muitas das religiões afro-brasileiras, inclusive isto faz com que elas sejam cada vez mais brasileiras.

São muitas variações que aparentemente os distanciam, mas talvez a única característica comum, segundo Mundicarmo Ferretti é que “todos os caboclos da religião afro-brasileira são brasileiros”. (FERRETTI, 1994, 55-56).

Todos estes caboclos apresentam qualidades que os positivam diante dos que os procuram para a resolução de problemas pessoais, principalmente no tocante a saúde. São vistos como “símbolos de força e determinação” (MARTINS, 2011, 73), “representam o conhecimento e a sabedoria que vêm da terra, da natureza” (BARBOSA JUNIOR, 2011, 78), são vistos como “sábios, conselheiros, orientadores e curandeiros, sempre prontos a ajudar” (REVISTA ESPÍRITA DE UMBANDA, 2013, 18), “representam energia e vitalidade” (ORTIZ, 1999, 71), demonstram “seriedade e franqueza no trato com a clientela” (NEGRÃO, 1996, 209).

Estas qualidades aparecem recorrentemente nos pontos cantados como podemos observar nos pontos do Caboclo Tupiraci: “Mas ele vem colher as rosas/Que neste reino têm/Ele é seu Tupiraci/Que só pratica o bem”; e do Caboclo Vira Mundo: “Quando ele vem/Lá do Oriente/Ele vem com ordem de Oxalá/A sua missão é muito grande/Espalhar a caridade/E seus filhos abençoar”.

Estas características fazem dos caboclos entidades altamente respeitadas na Umbanda e em outras religiões afro-brasileiras em que atuam. Muitos dos terreiros no Brasil têm nos caboclos a entidade capaz de conduzir os trabalhos mediúnicos, na condução da gira e nas feitura das obrigações dos filhos de santo da casa. Mesmo que a pai de santo não tenha como entidade principal de seu terreiro o caboclo, mesmo assim eles são convocados para estas atividades, por conta de sua agilidade, presteza e conhecimento ritualístico e litúrgico da religião.

No panteão umbandista os caboclos dividem as atenções com os Pretos-Velhos, também entidade dita brasileira, mesmo apontando uma ancestralidade africana. Estas duas forças possuem em comum a capacidade da cura e de aconselhar os que necessitam. Diferentes em suas posturas no terreiro, podendo ser diferenciados facilmente quando incorporados: o Preto-Velho é lento, normalmente está sentado e se movimenta muito pouco;

já o caboclo é ágil e se movimenta muito durante a gira, demonstrando ainda mais força com seu brado (em muitos casos) e em sua curimba. Segundo Mundicarmo Ferretti o que distingue o caboclo do Preto-Velho é que aquele “é livre, nunca foi escravo” (FERRETTI, 1994, 56-57).

Não tendo sido escravizado, Ferretti nos coloca diante, novamente, do caboclo anterior a colonização, aquele que vivia livre nas matas do país, não preocupado com o homem branco e seu processo de preação. Este caboclo que teve na liberdade seu maior valor, aprendeu com seus ancestrais os segredos das matas, da caça, da sobrevivência em um mundo selvagem e em muitos casos inóspito. São estas qualidades que vão aproximar o caboclo, dito de pena, ao orixá iorubano Oxóssi.

É salutar compreendermos que Oxóssi é um dos mais importantes Orixás iorubanos que chegaram ao Brasil com os negros escravizados, principalmente da região de Keto, e que rapidamente seu culto se espalhou entre os africanos e afro-brasileiros nos rituais de Candomblé. Oxóssi, segundo Pierre Fatumbi Verger é o “Deus dos caçadores” (VERGER, 1981, 112) e sua identificação com os caboclos se torna quase que inevitável nos terreiros que os cultuam.

Esta hibridação do caboclo de pena com o orixá Oxóssi mostra como no Brasil o processo de aproximação e justaposição entre sacralidades distintas podem encontrar pontos de intersecção e com isso forjar novas características e habilidades para o índio brasileiro (caboclo) e o Orixá africano (Oxossi). Também em alguns momentos o próprio orixá Oxossi ganha aptidões de outros orixás, como é o caso de Ossain, responsável por cuidar das ervas e por conta disso conhece seus segredos. Por viverem e atuarem na mata, esta aproximação de Oxossi e Ossain se evidencia no caboclo de Umbanda, Jurema, Almas e Angola e Candomblé de Caboclo.

Neste aspecto Marco Aurélio Luz ao analisar a tradição afro-brasileira nas religiões de matriz africana, afirma que o orixá

Oxossi, força cósmica que caracteriza a abundância e a prodigalidade da mata, patrono dos caçadores, passa a ser também, nos cultos de origem bantu, patrono dos espíritos caboclos. Daí a saudação a essas entidades ser

resultante de uma adaptação da saudação Okê Oxóssi para Okê Caboclo” (LUZ, 2002, 32).

Já analisando a religião Almas e Angola, Giovani Martins identifica Oxóssi como o caçador tradicional e que por conta disso está diretamente ligado a caça e aos animais selvagens e que em “Almas e Angola ele chefia a linha dos caboclos e é tido com o Rei das Matas. Saudação: Okê Aro! Okê Oxóssi! Okê Odé!” (MARTINS, 2011, 71).

Na Revista Espírita de Umbanda, já citada anteriormente, em uma matéria sobre Oxóssi e os caboclos (autor não identificado) fica ainda mais evidente esta relação, e que de alguma forma, posiciona a visão que a revista tem sobre este tema, pois enfatiza que

Nos cultos umbandistas, Oxóssi se torna o Pai dos Caboclos, sendo estes que se manifestam nas giras, não o Orixá em si. Além dessa identificação de Orixá com os caboclos, podemos perceber a aproximação, por parte de Oxóssi, das qualidades inerentes a Ossain, o Orixá das folhas, ou seja, das ervas medicinais, cujas propriedades terapêuticas promovem a cura dos males físicos e espirituais. A mata, ambiente natural dos indígenas, se torna, no Brasil, o habitat de Oxóssi, tornando-o o protetor das florestas (REVISTAS ESPÍRITA DE UMBANDA, 2013, 15).

Reforçando esta relação entre Oxóssi e o caboclo brasileiro, Benedicto Anselmo Domingos Victoriano afirma que “das florestas africanas para as brasileiras, vinculou-se estreitamente ao próprio ‘Caboclo’, que é chamado de Oxóssi” (VICTORIANO, 2005, 136).

Nos pontos cantados esta ligação de Oxóssi com os caboclos está presente em muitos deles. Destacamos o ponto do Caboclo Lírio: “Caboclo Lírio é um lindo apanaiá/As suas flechas trazem proteção/Como clareou/Como clareou/Uma choupana aonde Oxóssi mora”, do Caboclo Rei da Guiné: “O seu saiote é carijó/A sua flecha é de indaiá/Todos os caboclos vêm sereno/Como o sereno é/Oxóssi é Rei da macáia/Oxóssi é Rei da Guiné/Ele atirou a sua flecha zuniu/Rei da Guiné é quem sabe/Aonde a flecha caiu”; e do Caboclo Pirahy: “O sabiá cantou/E lá na mata anunciou/A juriti/Pra salvar Oxóssi/Meus caboclos/Chegou seu Pirahy/Quando ele vem/Com seu bodoque/Com sua flecha/Saravá meu Pai Oxóssi.” Percebe-se que em muitos casos o caboclo é colocado no mesmo nível que o orixá Oxóssi e não apenas

como seu representante, conhecido na Umbanda como falangeiro. Mais uma vez denota-se a importância e o *status* que os caboclos adquiriram em muitas religiões afro-brasileiras.

Da mesma forma que o caboclo está associado a Oxóssi, este por sua vez, no processo de hibridação das práticas africanas com as brasileiras, foi associado a São Sebastião. Esta relação se encaminhou também para juntar caboclo com este santo e por consequência com o cristianismo católico.

Segundo Victoriano, São Sebastião é o padroeiro do Rio de Janeiro, “tendo [o santo] sido martirizado com flechas em seu corpo, protege a cidade e seus habitantes segundo a tradição da Umbanda carioca, cuja festa se realiza no dia 20 de janeiro, data da fundação da cidade” (VICTORIANO, 2005, 138).

Verificando também esta relação destacamos Nívio Ramos Salles ao relatar que

Dia 20 de janeiro os terreiros de Umbanda homenageiam o santo padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, São Sebastião, assim como o seu similar no sincretismo afro-brasileiro, Oxosse, que na Umbanda é o Rei das Matas, Sultão das Matas, caboclo das Matas, etc., e considerado chefe de uma linha ou falange constituída de caboclos com várias denominações. (SALLES, 1991, 36).

Um ponto cantado é bastante conhecido nos terreiros de Umbanda e Candomblé de Caboclo, que cita de forma precisa esta ligação

Naquela estrada de areia
Aonde a lua clareou
Aonde os caboclos paravam
Para ver a procissão de São Sebastião
Okê okê, caboclo
Meu pai caboclo é São Sebastião.

Mesmo que constatemos na Umbanda, na Jurema e em Almas e Angola a presença de características ditas selvagens nos caboclos que incorporam nos médiuns, já citadas, é inegável a profunda ligação destas entidades com o cristianismo. Neste quesito os pontos cantados e até os riscados demonstram isto com muita clareza.

Nos pontos riscados encontramos símbolos que são reconhecidamente utilizados pelo cristianismo e que aparecem correntemente nos pontos de caboclos e caboclas, entre eles a cruz (Caboclo Itapeba, Caboclo Jaci, Caboclo Folha Seca) e o rosário (Caboclo Tucano, Caboclo Caiçara, Cabocla Jandaia). Também podemos destacar o coração, que simboliza no cristianismo o amor, a compaixão, a alegria, a nova aliança firmada entre Deus e seu povo (Cabocla Jaciabá, Caboclo Rouxinol, Caboclo Matupã) e a flâmula com uma cruz no meio, simbolizando a ressurreição e que no cristianismo está constantemente associada ao cordeiro de Deus – Agnus Dei (Caboclo Flecha Azul, Caboclo Tira Teima, Caboclo Mogorim).

Nos pontos cantados também é recorrente a louvação ao cristianismo católico, e neste caso Maria, mãe de Jesus, é personagem bastante presente, como podemos observar nos pontos escolhidos para ilustrar este artigo.

Iniciamos com as invocações para Deus e Jesus: “Lá na mata, sua mata/Dois manos combinou/Salve a flecha e o bodoque/Viva Deus, Nosso Senhor”, “Uma estrela cor de prata/Brilhando anunciou/Era um caboclo que chegava/Vinha a mando de Nosso Senhor”, “Oxóssi ê! Oxóssi é!/Oxóssi é meu bom Jesus de Nazaré/Seu Pedra Roxa e bom Jesus de Nazaré”.

Como afirmamos a mãe de Jesus também ocupa boa parte dos pontos cantados de caboclos, entre eles: “Ele veio de sua cidade/Com a Estrela D’Alva no peito/Quem foi quem deu/Quem dá, quem daria/Ele é filho da Virgem Maria”, “Linda barquinha nova/Que vem do mar de Lisboa/Nossa Senhora vem dentro/Seu Flecheiro vem na proa”, “Lá no mato tem odé/Lá no mato mora/Lambari de ouro/Tá puxando tora/Ele é caboclo de Deus e Nossa Senhora”, “Foi no clarão da lua/Na manhã serena/Que ele veio para cá/Ele é Caboclo Pena Branca/E é filho de Oxalá/E vem com ordem da Virgem Maria/E traz consigo a sua estrela guia”, “Oi, tava na mata, tava trabalhando/Seu Serra Verde passou me chamando/Agô, agô, onde é que mora/Ele mora na mata de Nossa Senhora”, “Ele vai e torna a voltar/Trazendo pros seus filhos/A proteção de Oxalá/Ele vai com Deus/Com Deus e Nossa Senhora/Abençoi seus filhos nesta hora/Sua banda lhe chama/Ele vai embora”.

Para que estes caboclos sejam reconhecidos no terreiro é preciso que ele e seu médium (também chamado de “cavalo” em alguns espaços religiosos) passem por vários estágios que vão de trabalhos na própria gira como também em rituais reservados, em que participam apenas o Pai de Santo ou Mãe de Santo, os médiuns mais graduados e o médium que fará a obrigação. Também podemos perceber, por meio dos pontos cantados que num destes rituais, o de confirmação de caboclo, em que ele é invocado para riscar e cantar, que um ponto utilizado neste momento faz alusão ao judaísmo como antitético ao cristianismo, dando-nos assim mais um indício da cristianização desta entidade na Umbanda. Referimo-nos a este ponto: “Ajoelha Caboclo/Você não é judeu/Você tem um nome/Foi Oxalá quem lhe deu”.

Estes são alguns exemplos de que os caboclos já incorporaram o cristianismo em suas práticas e falares. Não obstante, não perderam a sua ligação com a natureza e seus elementos. É justamente dela que os caboclos retiram as energias e conhecimentos que fazem deles curadores bastante procurados nos terreiros de Umbanda.

Segundo Negrão, os caboclos adquirem a prática da cura, pois “vivendo nas matas, conhecem os segredos das ervas, com as quais tratam seus clientes [...] não apenas o conhecimento das propriedades da natureza os torna curadores, mas expedientes propriamente mágicos também” (NEGRÃO, 1996, 207).

Neste mesmo caminho, Prandi, Vallado e Souza ao analisarem o Candomblé de Caboclo em São Paulo, destacam que uma característica do caboclo é

Seu poder de cura e a disposição para ajudar os necessitados, mais a sabedoria. Acredita-se que os caboclos conhecem profundamente os segredos das matas, podendo assim receitar com eficácia folhas para remédios e banhos medicinais. (PRANDI & VALLADO & SOUZA, 2004, 121).

De forma mais enfática Diana Brown ao analisar os caboclos da Umbanda no Brasil, informa

They are considered to be highly intelligent and talented specialists in curing and advising on a variety of problems. Caboclos draw their power from the forces of nature: waterfalls, rivers, the virgin forest, the sun, the moon, and

from forest creatures, particularly snakes, who are often their companions. Some of their names derive from such associations, as for example, Caboclo Mata Virgem (Virgin Forest), Caboclo da Lua (Moon), do Vento (Wind), Cobra Coral (Coral Snake). (BROWN, 1994, 65).

O caboclo é uma personagem das matas e da natureza. Incontáveis são as referências a elementos naturais, animais e plantas em seus pontos cantados e riscados.

Nos pontos riscados elencamos os seguintes, com seus respectivos caboclos: estrela (Caboclo Itapiúna, Caboclo Sapuiabá, Caboclo Tucuruvi), sol (Caboclo Pitangueiro, Caboclo Carijó, Caboclo Itanhanguera), água (Caboclo Nuvem Cinza, Cabocla Inajá, Caboclo Aratimbó), lua (Caboclo Capiberibe, Caboclo Guajajara, Caboclo Bom Jardim), raio (Caboclo Taxauá, Caboclo Pareci, Cabocla Muruxaba), cobra (Caboclo Cascavel, Caboclo Carapobeba), montanha (Caboclo Montanhês, Caboclo Montenegro), cachoeira (Caboclo Sete Fontes, Caboclo Cascata, Cabocla Iracema), folha (Caboclo Jacupemba, Cabocla Araci), rio (Caboclo Saquarema, Caboclo Solimões, Caboclo Jurebá). Citamos apenas dois e três caboclos para cada elemento, mas são dezenas que os utilizam para se identificarem por meio de seu ponto riscado.

Nos pontos cantados isto é também bastante perceptível. Vamos a alguns deles: Cabocla Jurema (“Caiu uma **folha** na Jurema/Veio o **sereno** e molhou/E depois veio o **sol** e enxugou, enxugou/E a mata ficou toda em **flor**”), Caboclo Cachoeirinha (“A **mata virgem** escureceu/Veio o **luar** e clareou/Foi quando ouvi/A linda voz do Senhor/Cachoeirinha é quem chegou”), Caboclo Indaiassú (“**Estrela** que alumeia o **céu/Estrela** que clareia a Aruanda/**Estrela** que ilumina a **mata virgem**/Clareou Indaiassú na Umbanda”), Caboclo Folha Verde (“Os **rios** da Oxum são muito largos/**Lagoas** da Iara matam a sede/Saravá este Terreiro de Umbanda, Saravá/Saravá meu bom Caboclo Folha Verde”), Caboclo Guarani (“Seu Guarani é tata de Arucaia/Seu penacho tão lindo não me nega/Eu sou filho do Caboclo Guarani/**Coruja** não me azara e a **cobra** não me pega”), Caboclo Caçador (“Caçador que caçou/A sua **sabiá**/Que pousava no **galho**/No **galho** da sua macaia”), Caboclo Araranguá (“Ele vem de longe/Do alto da serra morena/Ele é Araranguá/Rei cassuté lá da Juremá”), Ponto de Chamada para todos os caboclos de pena (“Lá no **lagedo**/Aonde Caboclo

mora/Vestimenta de Caboclo/**Samambaia** é só, **Samambaia** é só, auê/**Samambaia** é só”), Caboclo Sete Pedreiras (“Na sua aldeia/Lá na Jurema/Tem o Caboclo Sete Pedreiras/Na lua nova/Lava as suas penas/Embaixo das sete **cachoeiras**”).

Percebe-se a mata e seus elementos como os que aludem ao caboclo, suas habilidades, seu conhecimento e seu *modus vivendi*. Mas, também o caboclo que vive no sertão é lembrado em pelo menos em um ponto que encontramos: “Que linda andorinha/Tem no meu sertão/Todo pássaro voa, andorinha/Só a ema não”). Com este ponto abre-se mais a abrangência do Caboclo para além das matas fechadas descritas na maioria dos pontos cantados.

Já evidenciamos anteriormente os símbolos cristãos nos pontos riscados de caboclos, mas é evidente que elementos da cultura dos povos indígenas também aparecem de forma intensa nestes pontos. Sem dúvida a flecha é o elemento mais perceptível. Identificada imediatamente como um instrumento de caça no universo indígena, em termos mágicos significa a eterna busca, a curiosidade e sem dúvida aquilo que em muito representa os caboclos, o movimento constante e permanente. Como caçador sempre tem que estar a procura da próxima caça e de novos lugares para desbravar, a flecha e em muitos casos o arco se tornaram os símbolos deste movimento constante e permanente dos caboclos. Podemos citar os pontos do Caboclo Sete Flechas, do Caboclo Rompe Mato e do Caboclo Flecheiro. Já os Caboclos Cobra Coral, Caboclo Goitacás e Caboclo Arranca Toco apresentam o machado de apenas uma lâmina em seus pontos, elemento este também bastante presente entre os povos indígenas brasileiros e no mundo mágico-religioso relaciona-se ao poder de decisão e de autoridade, além de ser símbolo de liderança.

Como os caboclos podem vir na vibração de outros orixás, além de Oxóssi, isto acaba aparecendo em seus pontos riscados, como é o caso do Caboclo Ogum das Matas, que além da tradicional flecha, tem a espada de Ogum (Obé) em sua estrutura. Também é o caso do Caboclo Pedra Roxa que o machado de Xangô (Oxé) com dois gumes aparece em seu ponto juntamente com as flechas de Oxóssi.

Em alguns pontos o próprio indígena é desenhado com todos os seus elementos, como é o caso do Caboclo Emboaba em que sua cabeça aparece com cocar e flecha.

A variedade de nomenclaturas e de tipos de caboclos e suas possibilidades de atuação no campo espiritual também podem ser percebidas em símbolos não comuns em pontos riscados de caboclo. A observação de arco, flecha, machado e cocar, são comuns para definir esta entidade e seus poderes. Mas, em alguns pontos riscados também encontramos símbolos incomuns como um crânio (caveira) no ponto ds Caboclo Jamamandi e do Caboclo Sete Flechas. O crânio em pontos riscados na Umbanda está mais presente em pontos de Exus e Pombagiras, mas quando aparecem em pontos de caboclos, por exemplo, este símbolo é carregado de significados que vão além da mera representação da morte e do perigo, como normalmente é utilizado. Sabemos que o símbolo em forma de crânio está relacionado a duas expressões latinas, *Memento Mori* e *Caput Mortuum*, sendo que a primeira nos lembra que morreremos e a segunda indica o que sobrou após o corpo ter sido consumido. Mas, em termos religiosos ele pode ir além destas especificações. Segundo Lexikon,

simbolicamente [é] à abóbada celeste (expressa a analogia simbólica que há entre o microcosmo humano e o macrocosmo universal). Sobretudo na arte ocidental, simboliza a transitoriedade. Como ‘recipiente’ material do espírito, o crânio foi muito utilizado pelos alquimistas como receptáculo nos processos de transmutação. Também o culto do crânio, testemunhado por diferentes culturas, fundamenta-se na concepção dele como ‘sede’ do espírito. (LEXIKON, 1997, 68)

Da mesma forma que o crânio representa a transitoriedade, também estabelece conexão com a ideia de permanência e sabedoria. Está disposto na parte mais alta do esqueleto e assim está ligado à superioridade humana e aquilo que não se consegue ver, a alma que nunca morre. O crânio estabelece esta intersecção entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. Outro elemento incomum em pontos de caboclo é o “cachimbo” encontrado no ponto riscado do Caboclo Parintins. Este símbolo é mais presente nos pontos de Pretos e Pretas Velhas na Umbanda. Ele está ligado a imagem de experiência e acima de tudo de aliança e de troca. É importante lembrar que a fumaça que é exalada do cachimbo, do charuto e do cigarro por entidades de Umbanda estão ligadas a crença de que ela purga, e por conta disso, cura os

problemas físicos e espirituais de quem recebe a fumaça sagrada. Em rituais de pajelança anterior a própria Umbanda os povos indígenas já utilizavam do fumo em suas práticas religiosas. Com o símbolo do cachimbo em seu ponto riscado, o Caboclo Parintins nos oferece a informação de sua procedência e de sua habilidade.

O símbolo que encontramos nos pontos riscados do Caboclo Sete Nós da Guiné e do Caboclo Guarani, um tridente, pode causar estranheza e incomodo a um desavisado. A pergunta mais comum é: como pode um elemento de Exu estar em um ponto de caboclo?

O tridente está associado a caminho, ou seja, não somente em Exu. Este Orixá que foi identificado como sinônimo do Diabo pelos primeiros cristãos que tiveram contato com ele em território africano subsaariano, possui como elementos representativos o porrete (Ogo) e o tridente. O primeiro relacionado ao fálico, ao sexual, a procriação. O segundo refere-se aos inúmeros caminhos que temos que escolher durante a vida. Associado a isto, o tridente também é relacionado aos quatro elementos da natureza: nas três pontas de uma extremidade o ar, água e fogo e na outra, a terra. Neste sentido o tridente aparece nos pontos riscados dos caboclos citados de forma a identificar seus poderes como aqueles que indicam os caminhos e que estão em equilíbrio com a natureza que os rodeiam e que lhes confere forças espirituais.

A importância do caboclo nas religiões afro-brasileiras é facilmente identificada na visita aos terreiros destas religiões em todo o território nacional. Ligados a cura e ao aconselhamento de quem os procuram, os caboclos das mais variadas falanges, utilizam de seus conhecimentos ancestrais para manterem seu *status* e prestígio. Ligados a uma ancestralidade nacional, os caboclos de pena, trazem a tona um Brasil que não mais existe e que apenas relembra um passado romantizado de um indígena livre e autossuficiente. Poucos ainda falam em tupi nos terreiros quando da possessão, a maioria esmagadora se comunica em um português arrastado e com forte influência católica. Seus pontos riscados e cantados demonstram em larga escala sua relação com símbolos católicos e com personagens que não caberiam na linguagem de povos indígenas isolados. Os caboclos se “catolicizaram” e fizeram de seu conhecimento rústico um aliado ao discurso cristão que marca profundamente as religiões afro-brasileiras. Isso não os desqualifica, muito pelo contrário, mostra a sua

capacidade de agregar, congregar e ampliar as possibilidades de atuação no campo religioso em que figuram como indivíduos sempre dispostos a ajudar sem fazer qualquer distinção.

Assim seu brado e suas orações continuam sendo fortemente ouvidas nos espaços sagrados em que são chamados e aceitos.

Referências

ALMEIDA, Andre Luiz Monteiro de. **A Música Sagrada dos Ogãs no Terreiro de Umbanda “Ogum Beira Mar e Vovó Maria Conga” da Cidade Goiana de Itaberaí: Representações e Identidades.** 2013. 127f. Dissertação (mestrado). Escola de Música e Artes Cênicas. Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

BARBOSA JUNIOR, Ademir. **Curso Essencial de Umbanda.** São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

BROWN, Diana DeG. **Umbanda: Religion and Politics in Urban Brazil.** New York: Columbia University Press, 1994.

FERRETTI, Mundicarmo. **Terra de Caboclo.** São Luís: SECMA, 1994.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de Símbolos.** Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1998.

LUZ, Marco Aurélio. **Do tronco ao Opa Exim: memória e dinâmica da tradição afro-brasileira.** Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

MARTINS, Giovani. **Umbanda de Almas e Angola: ritos, magia e africanidade.** São Paulo: Ícone, 2011.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo.** São Paulo: EDUSP, 1996.

O'CONNELL, Mark; AIREY, Raje. **Almanaque Ilustrado de Símbolos.** São Paulo: Escala, 2010.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e Sociedade Brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

PORDEUS JR, Ismael. **Umbanda: Ceará em transe.** Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando; SOUZA, André Ricardo de. Candomblé de Caboclo em São Paulo. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria Brasileira: o Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. P. 121-145.

REVISTA ESPÍRITA DE UMBANDA. São Paulo: Editora Minuano, 2013. Ano II – nº 11.

SALLES, Nívio Ramos. **Rituais negros e caboclos**. Rio de Janeiro: Pallas, 1991.

SHAPANAN, Francelino de. Entre Caboclos e Encantados: mudanças recentes em cultos de caboclo na perspectiva de uma chefe de terreiro. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria Brasileira: o Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. P. 318-330.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. O uso indevido dos Pontos Cantados de Umbanda. In: LINARES, Ronaldo Antonio; TRINDADE, Diamantino Fernandes (Orgs). **Memórias da Umbanda do Brasil**. São Paulo: Ícone, 2011. P. 85-90.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**. São Paulo: Corrupio, 1981.

VICTORIANO, Benedicto Anselmo Domingos. **O prestígio religioso da umbanda: dramatização e poder**. São Paulo: Annablume, 2005.

3000 PONTOS RISCADOS E CANTADOS NA UMBANDA E CANDOMBLÉ. Rio de Janeiro: Eco, 1974.

Artigo recebido em 15 de março de 2014. Aprovado em 30 de maio de 2014.